

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PEDAGOGIA

PAULO ROBERTO DE ARAUJO SILVA

**O FENÔMENO BULLYING SOB A PERCEPÇÃO DOS DOCENTES NA ESCOLA
PUBLICA**

Santarém – Pará
Junho de 2015

PAULO ROBERTO DE ARAUJO SILVA

**O FENÔMENO BULLYING SOB A PERCEPÇÃO DOS DOCENTES NA
ESCOLA PUBLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Programa de Educação curso de Pedagogia do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA como requisito para obtenção de grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Fátima Lima.

Santarém – Pará

Junho de 2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação
(CIP) Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/
UFOPA

S586f Silva, Paulo Roberto de Araújo
O fenômeno bullying sob a percepção dos docentes na escola pública./Paulo Roberto de Araújo Silva – Santarém, 2015.

55 p.:

Inclui bibliografias.

Orientadora: Fátima Lima

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), Instituto de Ciências da Educação (ICED), Curso de Pedagogia.

1. Bullying 2. Percepção. 3. Professores. I. Lima, Fátima , *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 370

Bibliotecária - Documentalista: Selma Souza – CRB/2 1096

AGRADECIMENTOS

A Deus é a direção da minha vida.

A minha família.

Aos colegas de trabalho pela paciência.

Aos meus amigos por estarem comigo e me auxiliando e por me fazerem acreditar que é possível transformar a sociedade por meio da educação.

Aos Professores da Universidade Federal do Oeste do Pará, em especial a minha Professora orientadora Dr^a. Fátima Lima.

RESUMO

As questões relacionadas ao bullying permeiam o âmbito escolar nos últimos tempos, isto se justifica pelo fato de ser a principal queixa de alunos e professores referente ao desgaste nas relações entre os mesmos. Embora a discussão sobre o fenômeno venha ganhando cada vez mais notoriedade, essa problemática não é recente, é tão antiga quanto a história da própria escola. Este trabalho de pesquisa teve como objetivo verificar a percepção dos professores que atuam na sala de aula em escolas públicas de Santarém tem a respeito do bullying, para tanto foi realizado um estudo de natureza quanti-qualitativa que possibilitou a aplicação de um questionário junto aos professores. Constatou-se que os professores são capazes de identificar as principais características do bullying. No entanto, notou-se certa confusão em diferenciar outros comportamentos agressivos que não estão relacionados ao problema, mostrando assim que a grande maioria tem um conhecimento limitado a respeito do assunto. Para a amostra pesquisada o medo de ir a escola e o principal sinal na vítima de bullying e o fator que dificulta a identificação do problema segundo os professores e o fato de a vítima não reagir ou falar sobre a agressão sofrida. Conclui-se que os professores percebem a gravidade do bullying no ambiente escolar quando estes ressaltam a importância dos profissionais e da escola tomarem medidas de intervenção e combate a esse tipo de comportamento, neste sentido torna-se urgente repensar a forma de se fazer o trabalho docente do profissional de educação e pedagógico da escola de maneira a implantar projetos e medidas que previnam e combatam o problema. É de suma importância que todos estejam empenhados na solução do bullying, não deixando a cargo somente dos professores e direção da escola, mas, alunos e pais assim como toda a comunidade devem estar unidos na tentativa de combater o problema, pois, embora o bullying seja um fenômeno escolar esta enraizado em outros espaços onde a relação entre pessoas como no caso do trabalho e a internet. Torna-se relevante considerar a necessidade de realizar projetos de combate e prevenção ao bullying que levem em conta as especificidades de cada escola e na capacitação dos professores e demais membros da comunidade escolar.

Palavras – Chaves: bullying, percepção, professores

ABSTRACT

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
PARTE I O BULLYING NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA	10
1.1 O que a história nos fala sobre o Bullying.....	10
1.2 O desenvolvimento do Bullying no Brasil.....	12
1.3 Conceitualização e Caracterização do Bullying.	14
1.4 Classificação do Bullying e seus envolvidos.....	16
PARTE II A PRÁTICA E O COMBATE AO BULLYING DENTRO E FORA DA ESCOLA.....	20
2.1 Reconhecendo o Bullying dentro do ambiente escolar.....	21
2.2 Professores Versus Bullying.....	22
2.3 Reconhecendo o Bullying fora do ambiente escolar.	24
2.4 As consequências da prática do Bullying.....	26
2.5 O papel da escola na prevenção ao Bullying.	28
2.6 O papel da família na prevenção ao Bullying.....	30
2.7 Mecanismos sociais no combate ao bullying.....	33
PARTE III COMPREENDENDO NO ESPAÇO ESCOLAR.....	37
3.1 Olhando os dados nas escolas.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
ANEXOS.....	53

INTRODUÇÃO

Quando o assunto é violência escolar o primeiro pensamento que vem em nossa mente é a lembrança de rixas, agressões entre alunos, professores e os demais trabalhadores da escola. O comportamento agressivo e antissocial que inclui a falta de respeito ao patrimônio público, brigas, presença de drogas e armas, é o que mais chama a atenção da direção da escola e chega ao conhecimento dos pais e autoridades.

Esse comportamento é conhecido como violência explícita, sempre esteve presente dentro da escola afetando pessoas de diferentes camadas sociais, independente da idade e em qualquer lugar do mundo, tal violência passou a fazer parte do nosso cotidiano, assim como nosso empenho em combatê-la. No entanto, outro tipo de violência vem crescendo rapidamente passando despercebida pelos profissionais da educação, denominado de bullying. Esse tipo de violência na maioria das vezes é visto como algo inofensivo, como uma brincadeira própria do desenvolvimento dos alunos, chega a ser camuflada pelos professores, direção e pais de alunos por negarem sua presença, às vezes, por não conhecer o assunto ou por não querer admitir que passam pelo problema.

O bullying pode ser considerado o motor que impulsiona a delinquência e o combustível que gera a violência explícita. Segundo Fante (2005) seu poder é destrutivo e perigoso, não se deixa confundir com outros tipos de violência, pois se apresenta de forma velada por meio de um conjunto de comportamentos cruéis e intimidadores que são repetidos e mantidos mesmo quando o sofrimento da vítima é insuportável e evidente.

O objetivo da pesquisa é analisar o fenômeno bullying sob a percepção dos docentes na escola pública no município de Santarém, PA. Tendo como objetivos específicos: a) Analisar os principais fatores que poderiam dificultar ao professor a identificação da prática do bullying; b) Reconhecer os possíveis sinais no aluno vítima de bullying; c) Identificar os possíveis comportamentos de bullying na opinião dos professores. Assim o tema procura analisar o seguinte problema de pesquisa: Qual a visão dos professores que atuam em sala de aula têm a respeito do bullying?

O interesse de pesquisa o tema deve-se ao fato de que embora o bullying seja uma forma de violência que vem ganhando cada vez mais destaque em nossa sociedade, sempre esteve presente no processo educacional, sendo pouco discutidos pelos professores.

Diante disso surgiu a necessidade de se fazer a relação do que a literatura diz sobre o bullying com a percepção dos professores que atuam em sala de aula.

O ponto de partida para fundamentação da pesquisa sobre o bullying baseia-se nos teóricos: FANTE (2005), NETO (2005), CHALITA (2008), PEREIRA (2009), CALHAU (2010), SILVA (2010), GIMENES (2011) entre outros.

Dessa forma, para melhor compreensão do fenômeno, foi feita uma breve conceitualização e abordagem histórica, que vai desde o aparecimento dos primeiros indícios que nortearam os estudos sobre o problema em países da Europa. Além de, Inglaterra, Canadá e Estados Unidos até o desenvolvimento de pesquisas relacionadas ao tema no Brasil, Destacando suas formas de agressão, praticada de maneira explícita como no caso do bullying direto, como de maneira sutil que é o que ocorre caso do bullying indireto. Assim como se busca identificar seus participantes.

Ainda nesse contexto, pretende-se mostrar como o bullying se manifesta dentro do ambiente escolar, levando em consideração a idade dos alunos envolvidos bem como a série que estão cursando e os locais em que o fenômeno acontece, chamando a atenção para a vitimização de alunos por quem deveria combater o problema, além de demonstrar os próprios professores como vítimas do bullying. Com o mesmo intuito, o estudo demonstra como o bullying ocorre fora do ambiente escolar, dando ênfase ao chamado bullying virtual ou cyberbullying, além de um contexto social mais amplo que envolve outras esferas da sociedade fora da escola. Posteriormente, chama-se atenção para as consequências da prática do bullying tanto para agressor como para a vítima, destacando o papel da escola, da família e dos mecanismos sociais no combate ao problema.

Como elemento investigatório, esta pesquisa caracteriza-se de cunho bibliográfico, pois segundo Rampazzo (2010), diz:

Qualquer espécie de pesquisa, em qualquer área, supõe e exige uma pesquisa bibliográfica previa, quer para a fundamentação teórica, quer para levantamento da situação da questão, ou ainda para justificar os limites e contribuições da própria pesquisa (p.60).

Assim, a escolha das leituras deu-se em função de se obter bases teóricas justificar a questão e servi de guia ao alcance dos objetivos da pesquisa.

Para compreender os objetivos o estudo baseou-se em uma abordagem quanti-qualitativa, que segundo (Gomes e Araujo) existe uma tendência no campo científico que aponta para o surgimento de um novo paradigma metodológico, ou seja, um modelo que consiga atender plenamente as necessidades dos pesquisadores. Essa dicotomia positivista x interpretativo, quantitativo x qualitativos, parece que está cedendo lugar a um modelo alternativo de pesquisa, o chamado quanti-qualitativo, ou inverso, quali-quantitativo, dependendo do enfoque do trabalho.

Apesar da clara oposição existente entre as duas abordagens (quantitativos x qualitativos) muitos autores, especialmente os da área social, colocam que o ideal é a construção de uma metodologia que consiga agrupar os aspectos de ambas perspectivas, como é o caso de Demo (1995, p. 23) quando diz que: “embora metodologias alternativas facilmente se unilateralizem na qualidade política, destruindo-a em consequência, é importante lembrar que uma não é maior, nem melhor que a outra. Ambas são de mesma importância metodológica. (celuca)

A pesquisa qualitativa vem buscando seu espaço nas ciências sociais, não como uma contraposição aos métodos quantitativos, mas sim como um complemento a estes. Objetivo é preencher algumas lacunas deixadas quando se usa apenas uma dessas abordagens.

Para a coleta de dados, foi utilizado um único questionário semi-estruturado composto por oito questões, sendo que seis em enunciados fechados e duas abertas relativas ao assunto investigado. As três primeiras questões, cada qual composta por quatro itens, busca investigar quais os comportamentos que podem ser identificados como bullying. Quais os sinais ou sintomas nos alunos vítimas de bullying. E, quais os fatores que podem dificultar a identificação de situações de bullying pelos professores. As questões quatro a seis contendo cada enunciado quatro possibilidades de resposta variando de sim, não, às vezes, não sei. Por fim as questões sete e oito abertas. Posteriormente foi feita a entrega dos questionários aos sujeitos da pesquisa, os quais eram professores das escolas, que foram orientados devidamente quanto ao preenchimento e devolução.

Essa forma de coleta viabilizou a exploração dos sentimentos e experiências vivenciadas pelo professor e proporcionou um vasto material para análise das suas percepções e subjetividade. As respostas foram posteriormente analisadas. As perguntas facilitaram ao professor especificar suas percepções e sentimentos.

O público alvo da pesquisa de campo refere-se a 47 profissionais da área de educação lotados em duas Escolas públicas localizada na área da grande Prainha município de Santarém. Ambas as Escolas apresentaram um total de 78 professores, sendo que destes 47 responderam o questionário totalizando o número de (61%) dos profissionais alcançados pela pesquisa. As escolas foram escolhidas para a pesquisa por estarem próximas e serem referência estratégica para os moradores de vários bairros da cidade.

Após o estudo da literatura pertinente ao tema do problema, tabulação e análise o trabalho ficou estruturado da seguinte forma: Parte I titulado, o bullying no contexto da violência, mostra o que a história fala sobre o bullying, seu desenvolvimento no Brasil, conceptualização, caracterização, além da classificação e seus envolvidos. Na parte II denominado, a prática e o combate ao bullying dentro e fora da escola, destaca o reconhecimento do bullying dentro do ambiente escolar, sua relação com os professores, além do seu reconhecimento fora do ambiente escolar e suas consequências. Além de mostrar o papel da escola na prevenção ao bullying, o papel da família na prevenção ao bullying, mecanismos sociais no combate ao bullying. Por fim, a parte III, discorre sobre a metodologia, por meio de que foram discutidos os questionários aplicados para coleta de informações com os professores a respeito de suas percepções sobre o bullying.

PARTE I - O BULLYING NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA.

A violência vem tomando proporções assustadoras em todo o mundo, de forma cada vez mais ampla ela resulta da interação de fatores individuais e sociais; a natureza humana, a imposição de regras pela sociedade, o modelo de família ideal, as grandes desigualdades sociais são alguns dos fatores que influenciam diretamente na questão da violência. Os casos vão desde falta de respeito, indisciplinas, depredações e vandalismo, até casos mais graves como agressões e assassinatos. Mesmo na escola, que é um ambiente voltado para a construção do conhecimento e tem a obrigação de desempenhar um importante papel na formação da identidade do indivíduo, a violência é uma constante.

A escola deveria ser um local de companheirismo, respeito às diferenças, principalmente as de opinião, onde reinasse a sentimentos de fraternidade, amizade, e que professores, pais e alunos pudessem se relacionar socialmente com o objetivo de moldar o indivíduo para a família e sociedade. No entanto, o que se tem notado é que esse mesmo ambiente tornou-se palco para as mais variadas formas de covardia entre seus frequentadores, comportamentos agressivos entre alunos e alunos, professores e alunos e demais membros da comunidade escolar tornou-se corriqueiro.

Segundo Lopes Neto (2005) a prática da violência no ambiente escolar cometida pelos jovens é percebida antes da puberdade e tende a se tornar cada vez mais intensa até chegar a vida adulta, essa forma de agressão vem crescendo assustadoramente tornando-se um problema social e de saúde que está longe de ser controlado. Ele afirma que:

A violência é um problema de saúde pública importante e crescente no mundo, com serias consequências individuais e sociais [...] o termo “violência escolar” diz respeito a todos comportamentos agressivos e antissociais, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, etc.(p 165)

Fante (2005) observa que a violência se manifesta de diversas formas na escola, entre as quais o bullying se destaca por apresentar características próprias e que não se deixa confundir com outras formas de violência.

1.1 O que a história nos fala sobre o Bullying.

O bullying pode ser considerado um fenômeno novo se comparado com a existência da escola, e um dos fatores que apoia essa afirmação é que ainda não possui um termo específico consensual entre os pesquisadores do assunto. Isso não significa que as práticas relacionadas ao bullying nunca existiram, por ser uma forma de violência sempre esteve presente nas escolas de todo o mundo ao longo da história. O fato é que os professores até então davam pouca importância à problemática existente entre agressores e vítimas, conforme relata Fante (2005) em seu livro.

Podemos considerar o bullying como um fenômeno novo, porque vem sendo objeto de investigação e de estudo nas últimas décadas, despertando a atenção da sociedade para suas consequências nefastas [...] dentro de um mesmo contexto escolar. Por outro lado considera-se o bullying como um fenômeno bastante antigo [...] e que até hoje ocorre despercebida da maioria dos profissionais de educação. (p 29)

Em 1970 a Suécia dá o pontapé inicial sobre o estudo do bullying devido a grande parte da sociedade demonstrar preocupação com a violência praticada por agressores e vítimas no âmbito escolar. Em seguida houve um interesse gradual de outros países escandinavos que passaram a estudar o tema.

No passado, nada se sabe concretamente sobre o bullying antes da década de 1970. Foi somente com pesquisas realizadas em 1972 e 1973, na Escandinávia, que as famílias perceberam a seriedade dos problemas decorrentes da violência escolar. A inquietação alastrou-se pela Noruega e Suécia e, posteriormente, por toda Europa (CHALITA 2008 p. 100).

Segundo Fante (2005) na Noruega existia uma preocupação com o fenômeno, que era amplamente discutido entre professores, pais e alunos, porém, sem o comprometimento oficial das autoridades educacionais da época.

Somente após uma tragédia no ano de 1982, quando um jornal noticiou a morte de três crianças com idade entre 10 a 14 anos, provavelmente motivada pela situação de maus-tratos que eram submetidas pelos seus companheiros de escola o governo passou a se manifestar. Esse acontecimento teve bastante repercussão nos meios de comunicação chamando a atenção de toda a sociedade. Diante de tal situação o ministério da educação norueguês foi obrigado a tomar medidas para o reconhecimento e combate do problema, realizando assim no ano de 1983 uma campanha antibullying em escala nacional.

Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Bergen, desenvolveu os primeiros critérios para detectar o problema de forma específica, permitindo diferenciá-lo de outras possíveis interpretações como incidentes e gozações ou relações de brincadeiras entre iguais, próprias no processo de amadurecimento do indivíduo. (FANTE 2005 p. 45)

Pereira (2009) em seu estudo de Olweus tinha o objetivo de identificar situações de vitimização e agressão do ponto de vista da própria criança, para isso pesquisou mais de 84.000 alunos, 400 professores e 1.000 pais de alunos, distribuídos em todas as séries do ensino. A pesquisa podia verificar tipos de agressões, locais de maior risco, tipos de agressores e percepção individual quanto ao número de agressores.

O resultado da pesquisa comprovou que em cada sete estudantes um estava envolvido com o fenômeno. Através desses estudos o governo norueguês conseguiu reduzir pela metade os casos de bullying em suas escolas servindo de exemplo para outros países que também passam a desenvolver campanhas de intervenção.

Não demorou muito para que outros países se interessassem pela campanha norueguesa e a imitassem, como foi o caso de Canadá, Grã-Bretanha, Portugal, Espanha, Itália, Alemanha, Grécia e Estados Unidos. Em todos esses lugares, pesquisas davam conta da dimensão aterradora que o bullying começava a assumir. (CHALITA 2008 p. 104).

As pesquisas realizadas nesses países demonstraram que o bullying estava presente em todas as escolas, sendo fonte de preocupação para pesquisadores devido ao seu crescimento e principalmente por atingir os primeiros anos das séries iniciais.

1.2 O desenvolvimento do Bullying no Brasil.

Em relação aos países da Europa, o estudo sobre o bullying realizado no Brasil está em atraso, Antunes (2008) relata que as pesquisas sobre a violência até os anos 90 estavam relacionadas às depredações aos prédios escolares e não a formas de sociabilidades entre alunos, a partir de 1995 as pesquisas passam a serem direcionada ao convívio entre alunos, professores e outros agentes da comunidade escolar.

Segundo Pereira (2008) o fenômeno era ignorado pelos pesquisadores até pouco tempo atrás, conforme relata em seu estudo:

Até 2003 dos autores brasileiros que retratam a violência escolar, por nos analisados, nenhuma menção ao termo bullying foi encontrada. Somente a partir de 2005, encontramos algumas referências ao bullying e sua especificidade (P. 35).

Para Chalita (2008) Um dos estudos que merecem destaque foi o levantamento realizado pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção a Infância e Adolescência (ABRAPIA) em 2002, com 5.875 estudantes de quinta a oitava série do ensino fundamental, em 11 escolas do Rio de Janeiro, foi constatado que 40,5% dos alunos estavam envolvidos diretamente com o bullying, 16,9% como vítimas, 10,9% como vítimas/agressoras 12,7% como agressores.

Segundo Fante (2005) não temos indicadores a nível nacional de como e com que frequência o fenômeno ocorre nas escolas brasileiras para podermos comparar com a de outros países.

O estudo sobre o tema no Brasil é escasso, isso requer um maior esforço para a compreensão e futuras intervenções.

No Brasil, o interesse pelo estudo do bullying é mais recente, requerendo esforços para que possa compreendê-lo e propor intervenções mais articuladas com a realidade do país. Como importante referência vale mencionar Fante (2003, 2005) que realizou estudos de caracterização de bullying em cidades do interior do estado de São Paulo-SP e Lopes Neto (2005) que junto da associação da associação brasileira de proteção a infância e adolescência (ABRAPIA), desenvolveu o programa de redução do comportamento agressivo entre os estudantes [...] Mascarenhas (2006) que trabalha com uma amostra de 300 sujeitos de diferentes turmas do ensino fundamental e médio [...] No que tange a saúde emocional e o bem estar discentes e docentes na esfera escolar, Palácios e Rego (2006) (FRANCISCO E LIBÓRIO 2008)

Essas pesquisas são essenciais, pois cada país tem suas peculiaridades e maneiras de combater o problema e no Brasil não é diferente.

As pesquisas realizadas no Brasil vieram comprovar que o bullying assim como em outros países esta presente na maioria das escolas, segundo Fante (2005) sua incidência aqui, e maior que os índices apresentados pelos países da Europa.

1.3 Conceitualização e Caracterização do Bullying.

Bullyng é uma derivação da expressão inglesa bully, que como substantivo significa valentão, brigão ou tirano e, como verbo significa amedrontar, intimidar, brutalizar e tyrannizar. O termo foi adotado por não haver outra palavra que abrangesse todo o seu significado. Essa expressão guarda um sentido rico e específico que desaconselha à tradução adaptada para outra língua.

Umas das dificuldades encontradas pela maioria dos pesquisadores e quanto a encontrar termos, em seus idiomas que correspondam, o sentido da palavra bullying [...] baseados em dados coletados em um grupo de 14 alunos, identificaram-se um grupo de 67 palavras relacionadas ao comportamento buliying, sem que nenhuma abrangesse o significado do termo inglês (FANTE, 2005 p.28).

Não existe tradução literal da palavra bullyng para o português, assim como em outros países usamos uma definição universal que tem em seu significado o ato de violentar, agredir, amedrontar, abalar o psicológico do indivíduo.

Dessa forma, a definição de bullyng é compreendida como um subconjunto de comportamentos agressivos de natureza repetitiva e desequilíbrio de poder. Conforme Fante (2005) relata em seu estudo:

Assim sendo por definição universal, bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorre sem motivação evidente, adotados por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angustia e sofrimento. [...] além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento bullying (p.28)

O bullying é uma forma de agressão que envolve vários tipos de violência, as principais ações que podem estar presentes nos casos de bullying são: ofender, falar mal, humilhar, fazer sofrer, ignorar, intimidar, isolar, excluir, perseguir, tyrannizar, agredir, entre

outras. Tal fenômeno envolve um comportamento agressivo que tem a finalidade de causar danos, seu caráter ofensivo é repetido e mantido mesmo quando sua vítima manifesta sinais de desagrado.

Em resumo, o bullying caracterizasse como comportamento agressivo, intencional e repetitivo destinado a um alvo específico, podendo ser praticado por apenas um indivíduo ou um grupo de pessoas, de forma explícita e direta, como também de maneira sutil e indireta.

Mesmo sendo empregados em grande escala esses critérios nem sempre são aceitos universalmente, há pesquisadores que consideram ser necessário um número mínimo de ataques contra a mesma vítima durante o ano para que seja classificado como bullying. (Fante 2005)

É importante saber a diferença entre o bullying e outros tipos de violência. No caso do bullying a probabilidade de causar danos psicológicos a vítima é relevante, prejudicando seu desenvolvimento sócio-educacional, além de comprometer sua saúde física e mental.

Pereira (2009) faz referências a diferentes opiniões de autores sobre o comportamento agressivo presente nos casos de bullying, citando estudos de Minayo (1999) demonstra que tais comportamentos abusivos são influenciados pela exposição à violência contida nos meios de comunicação e mídias, programas de televisão, filmes e música; Debarbieux e Blaya (2002) afirmam que, famílias que adotam práticas punitivas, seja física ou verbal, acabam treinando suas crianças a resolverem seus problemas e frustrações com violência, como se esse comportamento fosse natural.

Gimenes (2011) *apud* Robin e Hollis (1991) afirma que, fatores sociais como a falta de experiências básicas de socialização geradas em um indivíduo, quando este é forçado a isolar-se por determinado grupo social, faz com que sua resposta seja a violência. A autora cita também os estudos de Dodge e Brown (1986) que afirmavam que o comportamento agressivo está interligado a fatores cognitivos, pois a resposta agressiva se deve a uma inadaptação na codificação da informação na estrutura cognitiva do indivíduo que o impede de formular respostas alternativas;

Gimenes (2011) aponta ainda os estudos de Slee e Rigby de 1994 onde demonstra que a agressividade está relacionada à predisposição biológica, tendo em vista que o indivíduo carrega em seus genes uma predisposição para a violência herdada de seus familiares, a resposta agressiva pode estar relacionada à personalidade psicótica do sujeito. Neste tipo de perfil o sujeito mostra-se despreocupado com os sentimentos dos outros, é pessoa cruel e gosta de rir com a desgraça alheia.

Ao citar a teoria naturalista Fante (2005) chama atenção para a agressividade do ser humano na tentativa de entender quais as determinantes da conduta violenta na escola. Essa teoria defende a agressividade como consequência de experiências frustrantes, segundo essa concepção a criança é potencialmente agressiva desde o nascimento, mas tal agressividade é inata, podendo ser ativada por uma frustração causada pelo ambiente.

O naturalismo acredita que a pessoa tem uma personalidade unitária e que não existem impulsos, nem instintos básicos, nem um ambiente determinante da personalidade, e que a origem do fenômeno agressivo se encontra na debilidade, na instabilidade e na perda do amor-próprio do indivíduo que, tentando recuperá-lo se torna agressivo (FANTE, 2005 p. 164).

São várias as teorias que tentam explicar comportamentos violentos que acometem muitas crianças, comportamentos esses que estão inclusos na maioria dos casos de bullying, pois os pensamentos de vingança que permeiam a mente das vítimas do fenômeno podem eclodir a qualquer momento sob as mais variadas formas de violência. É inegável a contribuição que cada linha de pesquisa tem dado para a compreensão do problema, contudo muitos desses estudos são sujeitos à revisão, entretanto boa parte nos leva a refletir sobre esse complexo assunto para termos nossa própria conclusão.

1.4 Classificações do Bullying e seus envolvidos.

Segundo Lopes Neto (2005) o bullying pode ser classificado como direto e indireto. Ambas formas são agressivas e prejudiciais às suas vítimas, podendo ser praticado tanto por agressores do sexo masculino como agressores do sexo feminino.

Bullying direto: A forma direta é a mais usada geralmente entre os agressores do sexo masculino, usam de sua força para agredir fisicamente suas vítimas com chutes,

socos, empurrões, ofensas verbais e ameaças. Além disso, fazem uso de outras atitudes violentas como roubar e quebrar pertences, nesse caso o dano vai além do psicológico, podendo causar ferimentos e prejuízos morais e materiais. A vítima pode apresentar seqüelas futuras que irão permanecer para o resto de sua vida, restringindo a convivência com a sociedade, causando assim graves problemas sociais à pessoa.

Bullying indireto: A forma indireta é geralmente usada pelos agressores do sexo feminino, e age de uma maneira mais sutil. Seu objetivo principal é isolar sua vítima do convívio social, utilizando os mais variados meios como espalhar comentários, tratar com indiferença e desprezo, proporcionando o afastamento da vítima pela proibição de socialização de outras pessoas com a mesma, além de expor ao ridículo o seu modo de vestir, suas características étnicas, religiosas e físicas. A forma indireta do bullying por ser de menor visibilidade e mais difícil de ser reconhecida pelos professores, mas seu efeito é extremamente prejudicial.

Uma característica que diferencia o bullying de outros tipos de violência escolar é a identificação dos seus envolvidos que se classificam em três categorias principais, são elas: vítimas, agressores, espectadores.

Vítimas: também chamadas de bodes expiatórios, que para Fante (2005) são aquelas pessoas que geralmente apresentam características físicas frágeis e tem dificuldade em socializar-se por serem tímidas e inseguras. Devido a estes motivos sofrem rapidamente as consequências das agressões. Pessoas que se destacam por sua beleza ou por sua inteligência os chamados nerdsⁱ, podem ser escolhidas como presas em potencial. Pessoas de nível social econômico elevado ou pessoas emotivas que deixam transparecer seus sentimentos tendem a ser escolhidas como vítimas pelos seus agressores. Gimenes e Rubio (2011) destacam que:

Os alunos que sofrem bullying são descritos pelos agressores ou espectadores como pessoas que apresentam características físicas ou comportamentais diferente dos demais colegas: um traço físico, algum tipo de necessidade especial, veste roupa diferente da turma, sobressai no desempenho escolar ou consome bens que os identificam com um status socioeconômico superior aos demais (p.09).

Esse tipo de aluno é classificado como vítima típica, pois tem grande dificuldade de impor-se fisicamente e verbalmente perante o grupo. Segundo (Fante 2005) a

vítima típica relaciona-se melhor com pessoas mais velhas do que colegas de sua idade, é pessoa calma por natureza e tem o hábito de não revidar quando atacada, motivo pelo qual é escolhida para as agressões.

Para a autora as vítimas são divididas em duas categorias:

- Vítimas provocadoras: são aquelas que quando atacadas reagem aos ataques de seus agressores, como relata a autora um exemplo em seu livro:¹

Aquela que provoca e atrai reações agressivas contra as quais não consegue lidar com eficiência. A vítima provocadora tem um “gênio ruim”, tenta brigar ou responder quando atacada ou insultada, mas geralmente de maneira ineficaz [...] quase sempre é responsável por causar tensões no ambiente em que se encontra. (FANTE 2005 p. 72)

Geralmente, as vítimas provocadoras são pessoas hiperativas, impulsivas ou imaturas que segundo Silva (2010) acabam criando, sem intenção explícita, um ambiente tenso na escola.

- Vítimas agressoras: são aquelas que sofrem a agressão e às repassam para outras pessoas mais frágeis do que elas, tornando-as assim suas vítimas, desforrando seu sofrimento. Com esse comportamento ajudam na proliferação do fenômeno aumentando ainda mais o número de vítimas.

Ela reproduz os maus tratos sofridos como forma de compensação, ou seja, ela procura outra vítima, ainda mais frágil e vulnerável, e comete contra esta todas as agressões sofridas. Isso aciona o efeito “cascata” ou de círculo vicioso, que transforma o bullying em um problema de difícil controle e que ganha proporções infelizes de epidemia mundial de ameaça à saúde pública (SILVA 2010 p.42).

Não haveria vítimas se não existissem agressores, conhecidos como principais agentes na prática do bullying, tem a característica de sempre obter vantagens em cima do sofrimento de seus alvos.

¹ Nerd [nardel](palavra inglesa) Que ou quem tem comportamento considerado pouco social e parece interessar-se geralmente por assuntos técnicos ou científicos.

Agressores: Segundo Fante (2005) apresentam desde muito cedo aversão às normas, não aceitam ser contrariados nem frustrados, são imaturos emocionalmente e costumam agir impulsivamente, de maneira provocadora são responsáveis na maioria das vezes por causar tensão no local em que se encontram.

São pessoas de má índole e desrespeitosas, geralmente essas características estão associadas a um poder de liderança que é obtido de forma violenta por meio de força física ou pressão psicológica. Usam a violência como meio de popularização entre os alunos, perseguindo e prejudicando suas vítimas sem motivos aparentes, apenas para manter sua autoridade, sentem prazer em dominar os mais fracos e serem notados, necessitam de plateia e tem seu ego aguçado por serem rotulados como valentões.

Espectadores: Também chamados de testemunhas da prática do bullying, não saem em defesa da vítima, tampouco se juntam aos agressores. Para Silva (2010) os espectadores são divididos em três categorias:

- Espectadores passivos: assumem essa postura por medo de serem as próximas vítimas, recebem ameaças diretas dos agressores do tipo: “Fica na tua, se não tu vai ser o próximo” apesar de não concordarem ficam de mãos atadas, sem poder fazer nada para ajudar as vítimas. Essas pessoas podem sofrer consequências psíquicas ao presenciarem cenas de violência devido à fragilidade da sua estrutura psicológica.
- Espectadores ativos: são alunos que apoiam as agressões por meio de risadas ou palavras de incentivo, mas não participam diretamente dos ataques às vítimas. Se divertindo e, às vezes, sendo mentores da agressão praticada. Geralmente é aluno inteligente e bem articulado, tem um perigoso poder de influência, usando a figura do agressor para a prática do bullying e consequentemente saindo de bom moço.
- Espectadores neutros: são alunos acometidos por uma “anestesia emocional” -- em relação ao contexto de violência social que estão inseridos, não demonstram sensibilidade pelas situações de bullying que presenciam. Geralmente são pessoas de família desestruturadas ou de comunidades que a violência faz parte do cotidiano.

PARTE II - A PRÁTICA E O COMBATE AO BULLYING DENTRO E FORA DA ESCOLA.

A escola é um local onde acontecem as interações sociais entre os alunos, tem sido um ambiente de situações de conflito e de atitude violenta entre os mesmos. Segundo Fante (2005) esse comportamento é comum entre os jovens, às vezes por pura diversão e outras como forma de autoafirmação em uma tentativa de comprovação nas relações de força estabelecidas por eles. No entanto, essas brincadeiras podem evoluir para situações de bullying, quando uma das partes se sente incomodada e aflita com as provocações que lhe são infringidas, ou mesmo com liberdades físicas não desejadas.

Em alguns casos o bullying é tratado pelos professores com descaso, a falta de conhecimento sobre o assunto faz com que as vítimas se sintam cada vez mais inseguras e os autores do bullying sejam vistos apenas como alunos difíceis, rebeldes ou indisciplinados.

O bullying costuma ser algo invisível pra escola. Pais e professores dificilmente tomam conhecimento das práticas de bullying ocorridas. Quando o fenômeno é percebido, há uma tendência a interpretá-lo como algo avulso, desvinculando da dinâmica institucional. Dessa forma, ele é tratado como algo que diz respeito apenas aos indivíduos que estão implicados no problema. Isso sem contar que muitos professores e diretores veem como algo inofensivo algumas brincadeiras organizadas pelos alunos que envolvem atribuir apelidos ou discriminar de alguma forma (MOLINA E PELEGRINO 2012, p.4).

Estudiosos do fenômeno bullying são categóricos em afirmar que os professores não estão preparados para lidar com o problema. Pereira (2010) relata em seu estudo que o curso de formação para profissionais da educação não os prepara para agir contra a violência em sala de aula. É notória a falta do conhecimento e habilidade pelos professores nas suas relações com os alunos identificados com a violência, pois a forma de intervenção utilizada pelos professores está longe de serem as ideais.

Para Fante (2005) esse despreparo dos professores está relacionado à tradição da ênfase no conteúdo dos cursos acadêmicos que treinam os professores com técnicas apenas voltadas para o ensino de suas disciplinas, desvalorizando a necessidade de lidarem com afeto, conflitos e sentimentos dos seus alunos.

2.1 Reconhecendo o Bullying dentro do ambiente escolar.

Em seu estudo Fante (2005) afirma que a prática do bullying na escola se diferencia conforme a idade e o ano de escolarização do aluno; do primeiro ao quarto ano das séries iniciais as condutas de bullying são mais visíveis, o que torna mais fácil a identificação dos seus envolvidos.

Nessa fase, o pátio da escola é o local no qual mais ocorre situações de bullying, devido à supervisão ineficiente frente ao grande número de alunos. As agressões físicas se destacam como forma de maus tratos, seguido de ofensas e acusações, geralmente de conotação sexual e relacionadas à deficiência física.

A partir do quarto e quinto ano, os alunos tidos como mais tímidos ou frágeis além de sofrerem agressões físicas passam a ser chantageados. À medida que o grau de estudo vai aprofundando o bullying se torna mais difícil de ser identificado devido à sutileza que seus autores adotam na sua prática.

Uma vez que se desenvolvem, basicamente, por meio de linguagem não verbalizada, ou seja, da linguagem visual, gestual e corporal. Ameaças, apelidos, difamações, discriminações, ofensas, furtos abusos sexuais e, especialmente indução a maus-tratos e a exclusão do grupo são as condutas mais incidentes. E no exterior da escola que as ameaças se cumprem, sendo a hora da saída o momento “dos acertos de contas”, em que os alunos “se pegam”. (FANTE 2005 p. 65)

Na idade de 13 a 14 anos os agressores do sexo masculino buscam uma forma de identificação e afirmação de sua virilidade, para isso agredem com xingamentos em uma conotação descabida, na tentativa de difamar a orientação sexual de suas vítimas. Nessa fase os agressores do sexo feminino praticam os maus tratos de forma sutil e cuidadosa, o objetivo é a exclusão da vítima do convívio social. Desse modo utilizam diversos meios que vão desde espalhar rumores, difamações e acusações.

Lopes Neto (2005) cita a escola como um local que tem em sua tradição o estudo acadêmico. Muito embora, a Constituição Federal Brasileira (1988) juntamente com a convenção dos direitos da criança realizada pela organização das nações unidas e o Estatuto da Criança e do Adolescente (1989) afirmam que: a criança tem direito à dignidade e ao respeito, sendo a educação percebida como um meio de fornecer o pleno desenvolvimento da

pessoa e seu preparo para o exercício da cidadania. A aceitação pelos colegas de classe é indispensável para o desenvolvimento da saúde e bem estar da criança desenvolvendo sua capacidade de socialização.

2.2 Professores versus Bullying

A falta do conhecimento em relação ao bullying faz com que muitos professores que deveriam combater o problema assumam uma atitude de autores do fenômeno, reforçando o comportamento negativo e dando origem a vários comportamentos antissociais, como imposição de autoridade, abuso de poder, intimidação e agressão verbal.

Para Fante (2005) essa situação influencia diretamente no comportamento de seus alunos. Incapazes de oferecer uma resposta eficaz à situação acabam reagindo com agressividade. Transformando-se assim, em modelos para muitos alunos que acabam repetindo as condutas agressivas de seus mestres.

A falta do controle emocional por parte dos professores diante de seus alunos faz com que estes desenvolvam um sentimento de incapacidade ao oferecer respostas contra as agressões promovidas pelos educandos, fazendo assim, uso da mesma agressividade como forma de obter controle da situação. Além disso, fazer brincadeiras relacionadas à capacidade intelectual do aluno por parte do educador também é bullying, isso pode fazer com que outras crianças tenham a mesma atitude, achando que isso é uma forma normal de relacionamento.

Chamar a atenção do aluno em público tratando-o com desprezo ou referindo-se a ele como incompetente, expondo-o perante seus colegas, constrangendo-o ou criticando-o, interfere diretamente em seu psicológico, rebaixando assim o seu rendimento escolar e sua motivação para estudar.

Assim sendo alguns professores se convertem devido a sua postura de autoritarismo e intimidação na tentativa de obter poder e controle diante do grupo-classe. Um exemplo clássico é a maneira de chamar a atenção e corrigir o comportamento dos alunos, depreciando-os na frente dos colegas, discriminando-os, mostrando preferências por outros, fazendo comparações, ameaçando-os, perseguindo-os, intimidando-os. (FANTE 2005 p. 68, 69)

Alguns professores desenvolverem uma atitude de autores do bullying, mas isso não representa a maioria. Todavia, os profissionais da educação devem estar atentos em

relação à forma de como lidam com seus alunos, pois o professor pode criar uma situação de bullying em sua sala de aula, pelo simples modo de como se refere a seus alunos, ao reclamar de uma nota baixa por exemplo.

As situações de bullying envolvendo professores podem variar de agressor para vítima, pois segundo Silva (2009) a maioria dos profissionais de educação não sabe lidar com essas situações desagradáveis que ocorre dentro da escola. Temendo procurar a direção escolar, corre o risco de ser mal interpretado por seus superiores ou ser rotulado como incompetente no desenvolvimento de seu trabalho prefere ficar calado. Se apelar para o bom senso de seus alunos pode fragilizasse ainda mais perante seus agressores. Ao recorrer aos responsáveis pelos alunos em uma reunião na escola, fica frustrados pelo não comparecimento dos pais e às vezes pelo apoio inconsequente dos mesmos as versões de seus filhos.

Como se não bastasse as situações de bullying sofridas pelos professores, muitos ainda sofrem com o assédio moral ou mobbing* que é um tipo de violência praticado por seus próprios colegas de profissão ou por funcionários que estão em posição superior a eles hierarquicamente. Assim é destacado por Silva:

Em ambas as situações, é comum nos depararmos com professores adoecidos, com sintomas psicossomáticos (como dor de cabeça, diarreia, vômitos, sudorese, taquicardia, tonturas, insônia), diante da possibilidade de se defrontarem com seus agressores, seja em sala de aula, seja em reuniões com os demais profissionais da escola. Em casos mais graves, alguns professores evoluem para um adoecimento mais incapacitante, como os transtornos psíquicos (pânico depressão etc.), ou até mesmo para doenças autoimunes, como a tireoide de Hashimoto, vitiligo, doença de Crohn ou colite ulcerativa. Muitos deles acabam por abandonar a profissão ou tentam assumir outra função, em que não haja um contato mais estreito com o aluno. (SILVA 2010) p 148).

Apesar de ser muito parecida a forma de como ocorrem, tanto o mobbing como o bullying são definições diferentes, que podem ser usadas dependendo da situação, no caso a primeira definição está relacionada ao abuso de poder dentro do ambiente de trabalho, já o segundo termo serve para definir o mesmo problema dentro do âmbito escolar.

Do inglês (mobbing) qualquer comportamento abusivo (atitude, gesto, palavra) que atente, por ação ou omissão contra a integridade psíquica ou física de uma pessoa, pondo em seu perigo o seu emprego e prejudicando o clima de trabalho; assédio moral de trabalho.

Embora a escola seja o local de trabalho do professor, o que vai caracterizar a agressão sofrida é a fonte e intensidade de onde ela provém. Neste sentido para ser identificada como bullying a violência surge por parte dos alunos que são assistidos pelo mesmo. No caso mobbing as agressões são praticadas pelos colegas de trabalho.

2.3 Reconhecendo o Bullying fora do ambiente escolar.

A tecnologia da informação cada vez mais presente em nossas escolas vem mudando significativamente a maneira de estudar de nossos alunos, promovendo grande facilidade na área de pesquisa, disponibilização de dados referente à nota de provas e trabalhos, estreitando as relações entre professores e alunos. O uso da internet tem se mostrado de grande valia. No entanto, a má influência desses meios de comunicação é tão grande quanto à própria internet e, é nesse contexto que surge o cyber bullying.

Os praticantes do cyberbullying ou “bullying virtual” utilizam, na sua prática, os mais atuais e modernos instrumentos da internet e de outros avanços tecnológicos na área da informação e da comunicação [...] os ataques perversos do cyberbullying extrapolam, e muito, os muros das escolas e de alguns pontos de encontros reais, onde estudantes se reúnem em encontros extraclasse (SILVA 2010 p.126).

Essa nova prática de bullying é bastante corriqueira entre crianças e adolescentes, que acontece quando os jovens expõem-se pela internet em redes sociais ou em outros sites, sendo motivo de todo tipo de chacotas, apelidos, gozações que possam ser direcionadas a uma pessoa, nesse sentido passam a assumir o papel de vítima.

O cyberbullying tem características distintas do bullying convencional; por exemplo, o desequilíbrio de poder, pode não estar presente entre os envolvidos, quando um aluno faz uso dos meios eletrônicos sejam eles e-mail, MSN, redes sociais para insultar seu alvo, não necessariamente significa que ele detenha menos ou mais poder ou influência daquele que pretende atingir.

A grande diferença se encontra na forma e nos meios que são utilizados pelos praticantes do cyberbullying. No bullying visto até aqui, as formas de maus tratos eram diversas, no entanto, todas, sem exceção, ocorriam no mundo real. Dessa forma quase sempre era possível às vítimas conhecer e, especialmente, reconhecer

seus agressores. No caso do cyberbullying, a natureza vil dos seus idealizadores e/ou executores ganha uma 'blindagem' poderosa pela garantia do anonimato que eles adquirem. (SILVA 2010 p126)

É muito mais difícil a identificação do agressor no bullying virtual comparado ao bullying convencional, outro fator determinante do cyber bullying é a velocidade com que os insultos se propagam, expondo a vida da vítima não somente a um determinado grupo, mas por toda rede.

Além da internet o bullying pode estar em outros segmentos da sociedade, segundo Pompeu (2012) a própria mídia tem uma grande influencia no desenvolvimento do bullying, pois assume um papel na formação da consciência em um país onde as crianças passam mais tempo na frente da televisão do que na escola, sendo bombardeadas diretamente por estereótipos e padrões de beleza, fazendo apologia ao dinheiro e à violência. Para a autora por não terem referencial de educação, as crianças encontra na televisão um modelo educativo, visto que é o referencial mais presente na rotina delas.

Outra contribuição negativa que a mídia traz para as crianças e a do fortalecimento e a contribuição para a formação de preconceitos e estereótipos de beleza, influenciando-as, com certos tipos de falas, que transmitem valores e modelos para suas vidas. [...] Os estereótipos de beleza influenciam fortemente o pensamento das crianças, principalmente das meninas, pois diariamente a mídia enfatiza que para ser bonita ou ter o corpo ideal tem que ser magra. (POMPEU 2012 p. 22)

Padrões de beleza impostos pela mídia reforçam os sentimentos de inferioridade das vítimas do bullying que não se encaixam nesse perfil, por serem massificadas pela televisão, as crianças que fogem um pouco desse padrão tem a impressão que há algo errado com elas, aliando-se a isso, um sentimento de impotência pela situação que elas se encontram, muitas das vezes as fazem se perguntar: Porque isso e assim? Porque eu sou diferente? Porque não nasci em outra família? E assim por diante. Da mesma forma, reforçam os pensamentos e sentimentos de superioridade dos agressores em relação aos outros.

Seja dentro da escola, no mundo virtual ou apresentado pela mídia, o bullying sempre será prejudicial e violento, além do que, sendo uma forma de agressão pode acontecer em qualquer contexto social onde haja interação de seres humanos.

Por fim, o bullying, possui a propriedade de ser reconhecido em vários contextos: nas escolas, nas famílias, nos condomínios residenciais, nos clubes, nos locais de trabalhos, nos asilos de idosos, nas forças armadas, nas prisões, por fim, onde existem relações interpessoais. (FANTE 2005 p30)

Como sociedade, temos a necessidade de um convívio harmonioso, onde o respeito e o cuidado com o outro seja uma constante em nossas vidas, para isso devemos estar atentos ao bullying e suas variações, pois a falta de respeito e a imposição de opiniões formadas contidas no bullying podem trazer consequências desastrosas.

2.4 As consequências da prática do Bullying

As consequências do bullying são bastante variadas e podem ser consideradas grave e irreversível dependendo de como a vítima enfrenta a situação. Segundo Fante (2005) a superação do trauma causado pelo fenômeno pode ou não acontecer. Fatores como características individuais de cada vítima, habilidade em se relacionar consigo mesma e com o meio social e, especialmente com sua família vão ser determinante no combate ao problema. A autora destaca a seguir:

A não-superação do trauma poderá desencadear processos prejudiciais ao seu desenvolvimento psíquico [...] isso afetara o seu comportamento e a construção dos seus pensamentos e de sua inteligência, gerando pensamentos negativos e pensamento de vingança, baixa autoestima, dificuldade de aprendizagem, queda no rendimento escolar, podendo desenvolver transtornos mentais e psicopatologias graves, além de sintomatologia de doenças de fundo psicossomático [...] poderá também desenvolver comportamentos agressivos ou depressivos (p 79).

É preciso estar atentos ao aparecimento destes sintomas no aluno, pois, como veremos a frente eles serão o indicativo da presença do bullying no ambiente escolar.

Aprofundando sobre as consequências psíquicas e comportamentais do bullying a autora Silva (2010) faz um relato em seu estudo dos sintomas apresentados por seus pacientes que são: sintomas psicossomáticos, transtorno do pânico, Fobia escolar, Fobia social Transtorno de ansiedade generalizada depressão, Anorexia e Bulimia, transtorno obsessivo-compulsivo, transtorno do estresse pós-traumático, esquizofrenia, suicídio e homicídio.

É interessante notar que as principais vítimas do bullying são as crianças, as quais não possuem habilidade nem maturidade suficientes para lidarem com o sofrimento sozinho, devido a isso, é necessário que a criança tenha um bom suporte familiar que proporcione a ela segurança, autoconfiança e a ajude a manter a autoestima elevada para facilitar a superação do trauma (PINGOELLO e HORIZUELA 2009).

Tanto agressor como vítima terão consequências negativas para sua vida. É preciso conscientizar o aluno de que o bullying é de grande incomodo, logicamente em maior grau para a vítima do que para o agressor, mas ele não esta livre dos desagradados, visto que sempre será rotulado como pessoa de má índole, capaz de magoar, agredir e brincar com os sentimentos das pessoas, isso na melhor das hipóteses.

Além disso, segundo Pereira (2009) os agressores podem ter suas vidas destruídas por acreditar no uso da força na solução dos seus problemas, consequentemente desenvolverão uma serie de comportamentos antissociais, apresentando falta de alto controle, dificuldade em respeitar a lei e os problemas que isso acarretara.

Fante (2005) citando os estudos do professor Olweus, chama a atenção para a relação entre o bullying e a criminalidade, para a autora os envolvidos no fenômeno bullying estão propensos a se envolver com gangues que praticam a violência sem motivo aparente, acreditando que podem conseguir o que querem por meio da violência, além de se envolverem com drogas, porte ilegal de armas, furtos e assim por diante.

O bullying é considerado uma forma específica de violência, nesse sentido, deve ser identificado, reconhecido e encarado como problema social de extrema complexidade a ser combatido por todos os setores da sociedade. Como a escola é uma instituição social e um dos principais locais da ocorrência do fenômeno, tem a obrigação de apresentar formas de redução a esse tipo de violência, seja na prevenção ou combate. Lembrando que, a escola não age sozinha, ela precisa de apoio de outros setores sociais,

podendo trabalhar em conjunto com a comunidade, família e todos os interessados que lutam pela redução da violência.

2.5 O papel da escola na prevenção ao Bullying.

A escola que, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) deve ser um lugar de construção da cidadania onde deve reinar o respeito aos direitos humanos pelo convívio harmonioso de seus frequentadores, nem sempre tem cumprido com seu papel.

Para Pompeu (2012) a violência dentro da instituição de ensino, aliada com a má formação dos profissionais da educação e a não participação de pais comprometidos com o aprendizado de seus filhos, pode trazer influências negativas para a qualidade do ensino, pois o bullying que ocorre dentro da escola prejudica diretamente a concentração dos alunos, além de influenciar no seu humor e sua vontade de estudar, devido ao sofrimento que essa situação pode causar.

Para Gimenez (2010) a atuação da escola contra o bullying deve ser diferenciada conforme os envolvidos no problema. No caso das vítimas, a instituição deve ser consciente que não são elas que dão origem a agressão, por isso não podem ser culpadas no processo, nesse sentido deve-se manter uma rede de proteção que apoie escute e de segurança por parte dos adultos, incentivando seus alunos a falar sobre o problema proporcionando um clima de empatia na classe, orientando a vítima a pedir ajuda quando for necessário para que os problemas não se tornem crônicos e cada vez mais graves.

No caso do agressor, deixar claro as normas de funcionamento da escola e suas regras de convivência, exercitando a tolerância e o respeito, trabalhando a igualdade de sexo, orientação sexual, etnia e cultura. Além de orientar a classe para a solução de conflitos a partir de estratégias não violentas, exercitando o papel de se colocar no lugar do outro, ensinar disciplina e criar medidas para que os praticantes do bullying assumam sua responsabilidade.

A escola é corresponsável nos casos de bullying, pois é lá onde os comportamentos agressivos e transgressores se evidenciam ou se agravam na maioria das vezes. A direção da escola (como autoridade máxima da instituição) deve acionar os pais, os conselhos tutelares, os órgãos de proteção a crianças e ao adolescente etc. Caso não o faça poderá ser responsabilizada por omissão. Em situações que envolvam atos infracionais (ou ilícitos) a escola também tem o dever de fazer a ocorrência policial.

Dessa forma, os fatos podem ser apurados pelas autoridades competentes e os culpados responsabilizados. Tais procedimentos evitam a impunidade e inibem o crescimento da violência e da criminalidade infanto-juvenil. (Silva 2010 p.12).

A escola tem a autonomia para lidar com situações de bullying, na maioria dos casos faz-se desnecessário a presença dos órgãos-competentes*, às vezes, uma conversa amigável, incentivo ao respeito mútuo e participação aos pais pode resolver a situação. No entanto, quando essas medidas não dão conta do problema, a instituição tem o dever de acionar as autoridades competentes.

Segundo Pereira (2009) a escola e os pais devem estar juntos, sempre procurando minimizar os efeitos danosos da violência no seu interior. Para a autora a excelência na educação no que se refere aos jovens que apresentam problemas sérios de comportamentos, só é possível se houver um sistema de valores articulados e adequados, que possa dar a instituição uma ética educacional.

Nesse sentido a formação básica ou continuada dos professores devem basear-se na convicção é direito inalienável de todos os jovens receber serviços educativos. Nisso, Chalita (2010) destaca que:

A qualidade da educação também inclui proteção, cuidado e responsabilidade com as crianças e os jovens expostos à violência. Essa ação não pode estar desvinculada do projeto pedagógico da escola [...] Cabe à escola avaliar suas necessidades e possibilidades para a construção de um projeto que alcance todos os alunos: vítimas, agressores e espectadores da violência. Seja por meio das aulas específicas, seja por meio de temas transversais [...] e proposta que alcancem e incluam toda a comunidade educativa: pais, professores, funcionários, vizinhos e voluntários da escola (p.196).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais podem ser usados pela escola como uma ferramenta na busca pela qualidade na educação, pois trazem pontos importantes que podem ser aplicados pelo professor em seu projeto pedagógico no dia a dia em sala de aula.

As Diretrizes Curriculares Nacionais indicam como primeiros objetivos do ensino fundamental, alguns princípios norteadores para a ação pedagógica:

- Os princípios éticos: necessário para o desenvolvimento de atitudes autônomas, responsáveis, solidárias e de respeito pelo outro e pelo bem comum.
- Os princípios estéticos: fundamentais para o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade, do respeito à diversidade. Princípio que amplia o universo cultural e artístico, que revela talentos e que agrega o diferente.
- Os princípios políticos: essenciais para percepção dos direitos e dos deveres, imprescindíveis para o exercício da cidadania, para o desenvolvimento do olhar crítico, para o respeito a ordem democrática e, principalmente, para o despertar do sentimento de pertencimento por meio da participação ativa e responsável daquele que passa a ser e a sentir-se parte da construção do seu ambiente (CHALITA 2008 p. 193).

O objetivo da escola é a formação de seus alunos, no entanto essa formação, não deve estar voltada apenas para o mercado de trabalho, pois quando corremos em direção a disputas por melhores notas, preocupados em conseguir uma boa universidade e futuramente uma boa colocação na vida profissional, esquecemos de todo o resto, que é o respeito mútuo, o diálogo, a solidariedade e a justiça, que são elementos essenciais para a formação do cidadão emancipado.

Segundo Silva (2010) há uma grande necessidade de mudança sobre a mentalidade de como é realizada a educação formal, no que diz respeito não somente à organização escolar e aos conteúdos programáticos como também aos métodos de ensino e estudo. Concordando com a autora, Santos (2007) fala que:

Para que não haja o bullying no cotidiano pedagógico é necessário tanto a participação do professor quanto a dos alunos. O professor de um lado tem o dever de transmitir o papel ético, que envolve a importância do respeito mútuo, do diálogo da justiça e da solidariedade e aos alunos o papel de entender e cooperar com as ações do professor. (p 20).

A escola é um lugar favorável para o combate ao bullying, no entanto é necessário e um melhor entendimento entre escola e comunidade, articulando o diálogo com alunos e familiares.

2.6 O papel da família na prevenção ao Bullying.

A família é a primeira, e uma das mais importantes instituições de educação, sendo referência para o indivíduo. Os pais são o principal modelo de identificação dos filhos,

cabe a eles investir nos jovens cultivando o respeito ao próximo e a não violência. Confrontar os filhos com as regras e limites faz parte da educação familiar, além de fornece-lhes condições para que possam tolerar e enfrentar as pressões do dia a dia.

Quando os pais não conseguem estabelecer regras deixando claro o que pode e o que não pode, falham na educação de seus filhos, por serem extremamente tolerante passam a mão em suas cabeças mesmo diante de transgressões praticadas, diante disso a criança habitua-se a fazer tudo que quer e, impõem-se de forma tirana perante seus pais. Segundo Silva (2010) os motivos para essa permissividade se dá pelo fato de alguns pais não querer ferir a sensibilidade de seus filhos ou evitar desavenças familiares, outros ainda o fazem como forma de compensar o período que ficam longe dos filhos por motivo de trabalho.

A indiferença dos pais equivale a uma renúncia oficial e perigosa ao papel essencial que eles deveriam exercer: educar seus filhos. E educar e confrontar os filhos com as regras e os limites, além de oferecer-lhes condições para que possam aprender tolerar e enfrentar as condições do cotidiano. [...] Esses jovens habituam-se, desde muito cedo, a ser o centro das atenções em suas casas, onde as regras foram inexistentes, ignoradas ou flexibilizadas em excesso. De forma quase natural, eles se comportam em sociedade conforme esse modelo doméstico. Muitos deles não se preocupam com as regras sociais, não refletem sobre a necessidade delas no convívio coletivo e se quer se preocupam com as consequências que seus atos transgressores podem ocasionar aos outros, que pagam injustamente por eles. (SILVA 2010 p. 62-63)

Os pais tem que assumir o papel de educar seus filhos, mas isso deve ser feito com cuidado, para que, em vez de ajudar a criança desenvolver-se em sociedade venha a prejudica-la com ações intimidadoras na hora de repreendê-las.

Outro fator importante que pode reforçar as ações de bullying e a presença de modelos autoritários e repressores, que usam de agressividade para solucionar os conflitos. As crianças tendem a reproduzir o que aprendem com seus familiares, muitos pais agridem verbalmente e, às vezes, fisicamente seus filhos na tentativa inconsequente de educa-los, deixando subentendido para a criança que a agressão pode ser uma ponte para se fazer ouvir ou ser respeitado.

A necessidade que tem o agressor de reproduzir contra os outros os maus-tratos sofridos tanto em casa quanto na escola, como forma, talvez, de exercer autoridade e de se fazer notado, ou por ser a única maneira que lhe foi ensinada para lhe dar com

as inseguranças pessoais [...] Sendo repetidamente exposta a estímulos agressivos, aversivos ao psiquismo, a criança os introjeta inconscientemente ao seu repertório comportamental, transformando-se posteriormente numa dinâmica psíquica mandante de suas ações e reações. Dessa forma, estará predisposta a reproduzir a agressividade sofrida ou a reprimi-la, comprometendo, assim, o seu processo de socialização (FANTE 2005 p.62);

Para Fante (2005) os agressores de bullying tem uma necessidade de reproduzirem os maus tratos sofridos em casa, pois foi à única forma ensinada para lidar com as questões pessoais. Essa afirmação é reforçada pelos dados de sua pesquisa onde revelou que mais de 70% dos alunos entrevistados afirmaram que a violência praticada na escola era uma reprodução do que eles sofriam em casa.

Os pais precisam estar atentos às suas atitudes, pois são espelhos para seus filhos, além de se policiar é importante observar os sinais que as crianças manifestam isso porque muitas delas preferem calar-se a passar a vergonha de contar o ocorrido.

Chalita (2008) ressalta que na ausência de fala a criança demonstra outros sinais como choro e problemas de sono. Além desses sinais o autor lista outros indicadores que podem denunciar o problema. Para o autor, a vítima do bullying apresenta os seguintes comportamentos comuns na maioria dos casos, podendo variar de intensidade para mais ou para menos dependendo de cada um:

- Desinteresse pela escola: o aluno começa a inventar desculpa para faltar às aulas, demonstrando falta de vontade de ir pra escola, sente um mau súbito próximo à hora da entrada, pede pra ser transferido de escola.
- Abandono dos estudos: passa a não fazer as tarefas escolares prejudicando seu rendimento escolar.
- Medo da escola: pede pra ser acompanhado no percurso de casa ate a escola, pois tem medo de ir sozinho. Muda de trajeto constantemente o trajeto ate a escola.
- Marcas da intimidação: pode apresentar hematomas inexplicáveis, às vezes com roupas e livros rasgados, perdas de pertences e dinheiro, às vezes começa a cometer furtos sem explicação.
- Sinais de isolamento: passa a preferir atividades solitárias como o computador e vídeo game, evita socialização, é esquecido pelos amigos, torna-se fechado e arredio, sua auto-estima é baixa.

- Mudança de comportamento: fica agressivo com os pais, mudando de humor de maneira inesperada, angustia, tristeza, infelicidade, aflição, ansiedade, depressão, esses são alguns dos sentimentos apresentados pela vítima, que em casos mais graves pode cometer suicídio.

O agressor também apresenta comportamentos comuns que devem chamar a atenção dos pais:

- Ar de superioridade: chega da escola desarrumado, achando-se mais forte que os outros alunos, orgulhoso pelas agressões cometidas.
- Sinais suspeitos: aparece com dinheiro e objetos de procedência duvidosa.
- Agressividade: É hostil e desafiador inclusive com os pais e irmãos, não levando em consideração idade, força física ou hierarquia familiar.
- Habilidade: É habilidoso nos esportes e brigas tem um talento especial para sair de situações de constrangimento, geralmente transferindo a culpa para outro.
- Dominação: domina os mais fracos para exteriorizar sua autoridade.

Muitas das vezes, tanto a escola como família não conseguem apenas com suas forças solucionar o problema do aluno agressor, apesar do esforço, suas tentativas parecem não surtir o efeito esperado, nesse sentido faz-se necessário à utilização de outros mecanismos para o combate ao problema.

2.7 Mecanismos sociais no combate ao Bullying.

A violência presente nas escolas infelizmente é uma realidade gritante, nesse contexto o Bullying vem ganhando cada vez mais espaço, embora a sociedade e as instituições estejam mais atentas ao problema. E verdade que, há mais estudos sobre o tema, se discute mais o assunto nas escolas, levando em conta a opinião da comunidade, da família e profissionais de outras áreas que vão além das educacionais como: médicos, psicólogos, juristas e demais áreas. Todos tem um único objetivo, que é encontrar uma solução que combata o problema, para isso a sociedade criou mecanismos legais que podem ser de grande valia como a Constituição Federal, Declaração Universal dos Direitos Humanos, o Código Penal Brasileiro, o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Constituição Federal Brasileira.

A Constituição Federal Brasileira tem como um dos seus objetivos fundamentais e que deve ser respeitado os seguintes artigos:

No artigo 3º inc. IV, CF, “promover o bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”.

No artigo 5º inc. III, “Ninguém será submetido a tortura nem a tratamento degradante”.

No artigo 227, CF. “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda a forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”.

Declaração dos Direitos Humanos.

A Declaração dos Direitos Humanos prevê em seu preâmbulo que “os direitos Humanos sejam protegidos pelo Estado de Direito, para que o homem não seja compelido, como último recurso à rebelião contra a tirania e a opressão”.

Artigo II “Toda pessoa tem capacidade para gozar seus direitos e as liberdades contidas nesta declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política, ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição”.

Código Penal.

Lesão Corporal-Art. 129 CP. “Ofender a integridade corporal ou a saúde de outrem”.

Pena – detenção de três meses a um ano.

Maus-tratos-Art. 136. CP. “Expor a perigo a vida ou saúde de pessoa sob a sua autoridade, guarda ou vigilância, para fim de educação, ensino, tratamento ou custódia, quer

privando-a de alimentação ou cuidados indispensáveis, sujeitando-a a trabalho excessivo ou inadequado, quer abusando de meios de correção ou disciplina”.

Pena – detenção de dois meses a um ano, ou multa.

Calúnia-Art. 138. CP. “Caluniar alguém, imputando-lhe falsamente fato definido como crime”.

Pena – detenção de seis meses a dois anos, e multa.

Difamação-Art. 139. CP. “Difamar alguém, imputando-lhe fato ofensivo a sua reputação”

Pena – detenção de três meses a um ano e multa.

Injúria-Art. 140. CP. “Injuriar alguém, ofendendo-lhe a dignidade ou decoro”.

Pena – detenção de um a seis meses, ou multa.

Constrangimento ilegal-Art. 146. CP “Constranger Alguém mediante violência ou grave ameaça, ou depois de lhe haver reduzido, por qualquer outro meio, a capacidade de resistência, a não fazer o que a lei permite, ou a fazer o que ela não manda”.

Pena – detenção de três meses a um ano, ou multa.

Ameaça-Art. 147. CP. “Ameaçar alguém por palavra, escrito ou gesto ou qualquer outro meio simbólico, de causar-lhe mal injusto ou grave”.

Pena – detenção de um a seis meses, ou multa.

Dano-Art. 163. CP. “Destruir, inutilizar ou deteriorar coisa alheia”.

Pena – detenção de um a seis meses, ou multa.

Estatuto da Criança e do Adolescente.

Art. 15, ECA. “A criança e o adolescente tem direito a liberdade, ao respeito e a dignidade, como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeito de direitos civis, humanos e sociais garantidos na constituição e nas leis”.

Art-16, ECA. “O direito a liberdade compreende os seguintes aspectos”.

V – Participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação;

Art-17, ECA. “O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a prevenção da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças dos espaços e objetos pessoais”.

Art-18, ECA. “É dever de todos zelar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório e constrangedor”.

Art-232, ECA. “Submeter criança ou adolescente sob sua autoridade, guarda ou vigilância vexame ou constrangimento”

Pena – detenção de 6 (seis) meses a 2 (dois) anos.

Art-245, ECA. “Deixar o médico, o professor ou responsável por estabelecimento de atenção à saúde e de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar a autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente”.

Pena – multa de 3 (três) a 20 (vinte) salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência.

O bullying desrespeita todos os artigos citados acima, mas isso não significa que todo o caso bullying deva ser veementemente punido ao rigor da lei, há casos em que o professor juntamente com a família e comunidade podem agir de maneira que todas as partes envolvidas seja ela agressor, vítima ou espectador sejam beneficiadas. No entanto, essa premissa não se aplica aos casos mais graves de situações de bullying, pois a omissão diante do problema também é crime e o professor que não toma nem uma atitude diante da agressão pode ser considerado coautor do bullying.

PARTE III – COMPREENDENDO O BULLYING NO ESPAÇO ESCOLAR

A amostra de referencia para o estudo foi composta por professores lotados em duas escolas publicas de Santarém, sendo que a primeira, Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Manuel Albuquerque localizada na Av. Dom Frederico Costa, bairro Prainha apresentou um quadro de vinte e quatro profissionais. A segunda, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Julia Gonçalves Passarinho localizada na Av. Gonçalves Dias, bairro Prainha apresentou um quadro de cinquenta e quatro professores. No total as duas escolas apresentaram um numero de setenta e oito profissionais. Todos os professores receberam e foram orientados quanto ao preenchimento dos questionários, sendo que destes, quarenta e sete devolveram devidamente preenchido totalizando o numero de sessenta e um por cento dos profissionais alcançados pela pesquisa, o restante não entregaram por esquecimento, não preenchimento ou não foram encontrados. As escolas foram escolhidas para a pesquisa por estarem próximas e serem referencia estratégica para os moradores de vários bairros da cidade.

3.1 OLHANDO OS DADOS NAS ESCOLAS

Para a apreciação dos resultados pesquisados os dados foram organizados em tabelas, para questões fechadas, e gráficos para questões abertas.

Tabela 3.1. Quais os comportamentos que podem ser identificados como bullying?

	Itens	F	%
1	Comportamento cruel e velado nas relações interpessoais onde os mais fortes se sobrepõem sobre os mais fracos com intuito de diversão através de brincadeiras disfarçadas que tem como objetivo perseguir e maltratar.	33	70,2%
2	Uma reação ao comportamento agressivo praticado por outra pessoa.	9	19,1%
3	Conjunto de atitudes agressivas intencionais e repetitivas provocadas por um grupo ou individualmente sem motivação evidente.	17	36,1%
4	Comportamento agressivo que tem por finalidade maltratar e expor o defeito do outro, apenas como um meio de diversão entre os envolvidos, sendo assim, definida como brincadeira de péssimo gosto.	21	44,6%

Em relação ao questionamento sobre quais os comportamentos que podem ser identificados como bullying, conforme apresentado pela tabela 5.1 obteve-se a seguinte resposta: 70,2% dos professores questionados acreditam que o Comportamento cruel e velado

nas relações interpessoais onde os mais fortes se sobrepõem sobre os mais fracos com intuito de diversão através de brincadeiras disfarçadas que tem como objetivo perseguir e maltratar se identifica como bullying, 44,6% acreditam que o bullying é um Comportamento agressivo que tem por finalidade maltratar e expor o defeito do outro, apenas como um meio de diversão entre os envolvidos, sendo assim, definida como brincadeira de péssimo gosto, 36,1% acha que o bullying é um Conjunto de atitudes agressivas intencionais e repetitivas provocadas por um grupo ou individualmente sem motivação evidente e 19,1% acreditam que o bullying é uma reação ao comportamento agressivo praticado por outra pessoa.

Esses dados comprovam que a amostra pesquisada entende o bullying predominantemente como todo comportamento que tem a finalidade de causar danos físicos e mentais em outra pessoa. No entanto notou-se certa dificuldade dos professores questionados em diferenciar o bullying de outros tipos de comportamentos agressivos praticados por outra pessoa, pois nem toda forma de violência pode ser considerada como bullying, o fenômeno é definido por um conjunto de características próprias que não se deixa confundir.

O bullying é uma forma de violência que ocorre na relação entre os pares, sendo sua incidência maior entre os estudantes, no espaço escolar. É caracterizado pela intencionalidade e continuidade das ações agressivas contra a mesma vítima, sem motivos evidentes, resultando danos e sofrimentos numa relação desigual de poder, o que possibilita a vitimização (Fante 2005 p. 6).

Em síntese, o fenômeno bullying pode ser caracterizado como comportamento agressivo direcionado a um alvo específico, tem caráter repetitivo e intencional, podendo ser praticado de maneira individual ou em grupo, de forma direta e explícita ou de maneira indireta e sutil.

Nesse mesmo sentido, a pesquisa revela 44,6 % dos professores questionados acredita que, o comportamento agressivo que tem por finalidade maltratar e expor o defeito do outro apenas como meio de diversão entre os envolvidos, definida como brincadeira de péssimo gosto pode ser identificada como bullying.

É importante saber a diferença entre o bullying e outros tipos de violência. No caso do bullying probabilidade de causar danos psicológicos a vítima e relevante, prejudicando seu desenvolvimento sócio-educacional, além de comprometer sua saúde física e mental.

É comum entre alunos da mesma idade brincadeiras que são próprias do seu desenvolvimento, na busca por diversão muitos educandos tentam expor de seus pares, características físicas, trejeitos, tiques, vale qualquer coisa que chame atenção, seu objetivo e se divertir com defeito do outro, esse tipo de brincadeira pode ser considerada inofensiva à medida que todos os alunos envolvidos se divertem; no caso do bullying isso não acontece, e notório o constrangimento da vítima que não gosta de determinada brincadeira que ultrapassa o bom senso e os limites aceitáveis, não se sentindo bem com o a perversidade, crueldade de seus agressores.

O uso da palavra bullying é muito importante, visto que pode existir o risco de confundir com outras formas de comportamento agressivo, que é normalmente expresso em determinadas idades, principalmente entre 7 e aos 14 anos; ou ainda, com brincadeiras agressivas ativas de grande expansividade e envolvimento físico dos intervenientes, mas que não existe a intencionalidade de magoar ou causar danos (PEREIRA 2009 p. 42)

Os professores devem estar atentos às situações que envolvem brincadeiras de mau gosto, apelidos, agressões sejam físicas ou verbais de maneira esporádicas entre seus alunos para que estes não sejam rotulados como praticante do bullying.

Tabela 3.2. Quais os sinais ou sintomas nos alunos vítima de bullying?

	Itens	F	%
1	Depressão	27	57,4%
2	Baixo rendimento escolar	36	76,5%
3	Medo de ir a escola	42	89,3%
4	Comportamento violento e opressivo com os pares.	11	23,4%

Referente ao questionamento sobre quais os sinais ou sintomas nos alunos vítima de bullying, obteve-se a seguinte resposta: 89% dos professores considera que o medo de ir a escola é o principal sinal no aluno vitima de bullying, seguido de 76% baixo rendimento escolar, 57% depressão e 23% comportamento violento e opressivo com os pares.

Conforme demonstra a pesquisa, embora os professores reconheçam que a depressão, o baixo rendimento escolar e o medo de ir a escola seja um sinal ou sintoma do bullying, a maioria destes profissionais não considera que o comportamento agressivo com os pares seja um sinal ou sintoma nas vitimas de bullying. No entanto, conforme dito anteriormente, muitos alunos quando agredidos passam a assumir o papel de agressor perante seus colegas.

Vítima agressora: aquela que reproduz os maus-tratos sofridos. A vitima agressora e aquele aluno que, tendo passado por situações de sofrimento na escola, tende a buscar indivíduos mais frágeis que ele para transforma-los em bodes expiatórios, na tentativa de transferir os maus-tratos sofridos. Essa tendência tem sido evidenciada entre as vitimas, fazendo que o bullying se transforme numa dinâmica expansiva, cujos resultados incidem no aumento do numero de vitimas (FANTE 2005 p. 72).

Como não tem tamanho nem habilidade para se livrar dos maus tratos, muitas vítimas reproduzem as agressões sofridas em pessoas mais frágeis e vulneráveis que ela como forma de compensação. Segundo Silva (2010) Isso aciona um efeito cascata que transforma o bullying em um problema difícil de ser combatido, tornando-se um problema mundial.

Segundo Molina e Pelegrino (2012) existem evidencias que os alunos não se prendem ao rotulo de vitima e agressor, dependendo da situação ambos podem transitar nesses papeis, como no caso do adolescente que vitimado no ambiente escolar por companheiros de estudo ou em casa por seus próprios familiares passa a perseguir e maltratar pessoas mais frágeis que ele com a mesma intensidade. Conforme relatam em seus estudos.

Existem evidencias que os alunos não se prendem a esses papeis. foi provado ainda que esses rótulos acabam criando problemas na busca de meios efetivos de prevenção e intervenção. Tanto os adultos quanto os estudantes tem o costume de punir os agressores ou culpar as vitimas quando, na verdade, os estudantes transitam nesses papeis (p. 6).

Tabela 3.3. Quais os fatores que podem dificultar a identificação de situações de bullying pelos professores?

	Itens	<i>F</i>	%
1	Falta de conhecimento sobre o assunto em questão.	14	29,7%
2	Acreditar que o bullying faz parte da idade e do amadurecimento do aluno.	10	21,2%
3	O fato é de que quando ocorre situações de bullying os adultos estão ausentes.	12	25,5%
4	Da vitima não reagir ou não falar sobre agressão sofrida.	32	68%

Os profissionais questionados deram as seguintes respostas sobre quais os fatores que podem dificultar a identificação de situações de bullying pelos professores: 68% dos professores atribuem o fato da vitima não reagir ou não falar sobre a agressão sofrida, 29,7% declara que a falta de conhecimento sobre o assunto em questão, 25,5% justifica o fato é de que quando ocorrem situações de bullying os adultos estão ausentes e 21,2% acreditar que o bullying faz parte da idade e do amadurecimento do aluno.

Conforme demonstra a pesquisa maioria dos professores acredita que, o fato da vitima não reagir ou não falar sobre a agressão sofrida é o principal fator que dificulta a identificação do bullying, no entanto é um erro direcionar para as vítimas a responsabilidade da não identificação do problema, é inegável que o silencio da vitima perante seus agressores atrapalhe a constatação do fenômeno, além do mais, muitas vitimas não falam sobre o bullying ou pedem ajuda, pois acreditam que são merecedores das perseguições que lhe são infringidas.

Geralmente, os envolvidos pelo bullying não violam a lei do silencio. Em primeiro lugar, constatamos que a própria vitima teme denunciar seus agressores, seja por conformismo, seja por vergonha de se expor perante os colegas, temendo virar motivos de gozação ainda maiores (FANTE 2005 p.69).

O professor deve prestar bastante atenção em seus alunos, pois os agressores usam a estratégia de atacar suas vítimas em lugares de pouca supervisão, com o objetivo de desencorajar os que sofrem a falar de sua dor ou ser desacreditado.

Conforme dito anteriormente o bullying é um problema bastante complexo, muitas vezes é confundido com agressão e indisciplina, neste sentido Fante (2005) chama a atenção dos profissionais de educação para estarem atentos a outros sinais de identificação do fenômeno, pois muitas das vezes o bullying ocorre de forma disfarçada.

Verificamos o despreparo dos próprios professores, que não conseguem detectar esses problemas com facilidade, uma vez que a conduta bullying ocorre dentro da sala de aula, expressas por linguagem não verbal, por olhares intimidatórios, desqualificantes e atemorizadores, por risadinhas e muxoxos, ou por atitudes corporais nos intervalos de aula, durante troca de professores (FANTE 2005 p. 70)

O bullying pode ocorrer de maneira direta ou indireta, embora a maneira direta seja mais fácil de ser identificada, pois ocorre por meio de violência que envolve xingamentos, apelidos, empurrões, socos, pontapés, dentre outras de maneira mais explícitas, a forma indireta exige conhecimento sobre o fenômeno que por vezes ocorre de forma disfarçada, invadindo silenciosamente os espaços escolares, tirando de crianças e jovens a possibilidade de sonhar.

Tabela 3.4.

	Respostas dos Professores	Sim	Não	Às Vezes	Não Sei
4	Você acredita que a prática do bullying ocorre na sua escola?	46.8%	23.4%	29.7%	0.02%
5	Você foi alvo de bullying na escola?	34%	53.1%	12.7%	0.02%
6	Você como profissional de educação se sente preparado para lidar com situações de bullying?	53.1%	10.6%	42.5%	14.8%

Quanto ao questionamento sobre a ocorrência da prática do bullying entre os alunos de sua escola, os professores deram as seguintes respostas: 46,8% afirmaram que sim, 29,7% responderam que às vezes, 23,4% relatam que não e 0,02% não souberam responder.

Esses dados demonstram que os profissionais da educação são conscientes da ocorrência do bullying em seu ambiente de trabalho, isso é um fator muito importante, pois segundo Fante(2005)

A conscientização e a aceitação de que o bullying é um fenômeno que ocorre, com maior ou menor incidência, em todas as escolas de todo o mundo, independentemente das características culturais, econômicas e sociais dos alunos, e que deve ser encarado como fonte geradora de inúmeras outras formas de violências são fatores decisivos para iniciativas bem-sucedidas no combate a violência entre escolares (p.91).

Sabemos que o bullying é um problema de extrema gravidade e complexidade e que seus efeitos danosos podem deixar sequelas para resto da vida dos envolvidos. É necessário que os professores estejam alerta as suas manifestações, focados na solução do problema, e o primeiro passo é a conscientização do fenômeno.

Em relação ao questionamento sobre os professores já terem sido alvo de bullying, os profissionais deram a seguinte resposta 53,1% afirmam que não, 34% responderam que sim, 12,7% relatam que as vezes e 0,02 não souberam responder. Conforme mostra a pesquisa, a maioria dos questionados negam ter sido vítima de bullying. No entanto, o professor também assume o papel de vítima não só de seus alunos como de colegas de trabalho.

Abramovai e Calaf (2010) afirmam que o bullying não considera, por exemplo, a relação entre alunos e professores, que é muitas vezes tensa, passando pela violência verbal de ambas as partes, como desentendimentos xingamentos, ameaças, e até mesmo agressões físicas.

A prática do bullying cometida pelos alunos é a mais variada possível, alguns professores recebem apelidos maldosos de alunos, ações desrespeitosas, como barulho com o intuito de atrapalhar o trabalho do professor, espalhar fofocas, tentando constranger a postura do professor perante a direção. Neste sentido (CALHAU, 2010) afirma que:

São conhecidas, ainda, casos de professores que são vítimas de baixo assinados sem o mínimo de fundamentação por grupos de alunos, que assinam apenas para aderir o pensamento do “grupo” ou por não gostarem do professor; denúncias anônimas realizadas por alunos de casos que não existem para tumultuar a atuação do professor;

boatos que são espalhados na escola; apelidos pejorativos colocados por alunos etc. (p. 33).

A humilhação, ameaças, e perseguições a professores por parte dos alunos é uma triste realidade em muitas escolas, grande parte dos trabalhadores da educação não sabe lidar com essa situação que acontece em sala de aula, o temor dos educadores e serem mal interpretados e tachados de incompetentes pela direção da escola no trato com os alunos.

Segundo Silva (2010) quando um professor é vítima de agressão por parte de seus alunos, seja ela qual for, coloca em risco sua integridade física e em cheque sua reputação pessoal, por esse motivo, deve procurar imediatamente a direção escolar. Se houver omissão por parte da escola, o professor deve procurar as autoridades competentes para as devidas providências.

Quando questionados aos professores, se como profissionais de educação se sentiam preparados para lidarem com situações de bullying, obteve-se as seguintes respostas: 53,1% relataram que sim, 42,5% disseram que às vezes, 14,8 não souberam responder e 10,6% afirmaram que não.

Embora muitos professores afirmasse estar preparados para intervir em situações de bullying o que se tem notado é que alguns profissionais da educação não tem o conhecimento necessário para lidar com o problema ou não sabe agir diante da situação.

A dificuldade que o professor tem em identificar o *bullying* não se deve somente ao fato de não haver denúncia por parte da vítima, devemos considerar que a falta de uma formação continuada abrangendo o tema violência escolar, que dê suporte ao professor no atendimento aos conflitos ocorridos em sala de aula, dificulta o discernimento entre violência e brincadeiras próprias da idade. Além disso, em sua atuação diária, cada professor lida com um grande contingente de alunos, o que dificulta o atendimento individualizado e prejudica a adoção de medidas adequadas para a solução e prevenção do problema (PINGOELLO e Horiguela 2010, p.148).

Para o professor intervir em situações de bullying é necessário que ele esteja preparado e que conheça bem o problema, não apenas de forma superficial com algumas

leituras sobre o tema, mas de maneira eficiente, articulando o entendimento entre vítima e agressor, agindo com firmeza perante seus alunos mostrando a eles as regras de convivências sociais e o respeito aos outros.

Gráfico 3.1.



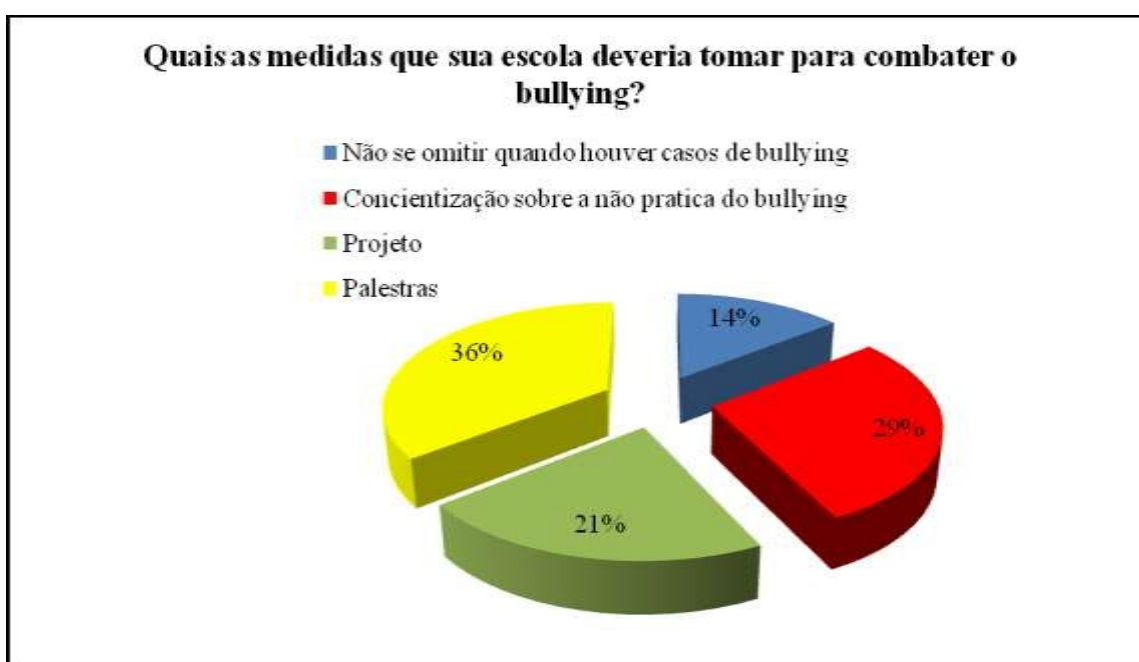
O gráfico 3.1 mostra a resposta dos professores quanto ao questionamento sobre o conceito de bullying, para 50% dos professores o bullying esta relacionado à falta de respeito, agressão verbal e brincadeiras mal intencionadas, 29% acredita que e um conjunto atitudes desagradáveis feita de forma repetitiva, 14% bullying é ações de violência física que se repetem 7% dos questionados se abstiveram da resposta.

Podemos observar que nenhuma das respostas dadas pelos profissionais que atuam em sala de aula definiu com clareza os aspectos e as características do fenômeno. Nesse sentido, a pesquisa nos revela que a maior parte dos profissionais da educação que atuam em sala de aula tem um conhecimento empírico e superficial a respeito do problema, pois, todas as respostas dadas são apenas critérios que de forma isolada não caracteriza bullying. Assim Pereira(2002) *apud* Pereira (2010) nos lembra que:

Mas não podemos generalizar todas as agressões ocorridas na escola como bullying. É preciso saber fazer a distinção sobre o que é ou não manifestação de bullying, pois o limiar entre situações ditas normais e o bullying g estão separadas por fronteiras tênues (p. 42).

Conforme dito anteriormente, para que a agressão seja caracterizada como bullying e necessário observar vários fatores dentre os quais, a intenção do agressor, o desequilíbrio de poder, o numero de ataques contra a mesma vítima dentre outros.

Gráfico 3.2.



Em relação ao questionamento sobre quais as medidas que a escola deveria tomar para combater o bullying, 36% dos professores acredita que na realização de palestra como instrumento na solução ao problema, 29% dos educadores chama a atenção para a conscientização sobre a não pratica do bullying, 21% dos profissionais da educação acreditam na criação de projetos como medidas de combate ao bullying, e finalmente, 14% dos questionados acham que a não omissão diante do bullying como forma de combater o fenômeno.

Conforme mostra a pesquisa apenas 21% dos profissionais da educação acredita na criação de projetos como medidas de combate ao bullying. É interessante notar

que todas as outras respostas dadas pelos professores podem estar incluídas dentro de um projeto antibullying desenvolvido pela escola.

O ideal é que todas as escolas tomem a iniciativa de prevenir a violência antes que ela se estale em seu meio e inviabilize o processo educativo, chegando ao ponto de não conseguir resolver, de modo geral, as questões ligadas principalmente aos conflitos interpessoais, geradores da violência (FANTE 2005 p. 96)

É de extrema importância que a escola viabilize projetos de intervenção para o combate ao bullying, pois como dito anteriormente além de ser uma instituição de ensino ela deve ser um local seguro que promova a cidadania e bem estar social.

Segundo Pereira (2010) a intervenção é necessária, mas os projetos não devem ser padronizados, pois cada escola tem suas peculiaridades, neste sentido as estratégias a serem desenvolvidas devem considerar sempre características sociais, econômicas e culturais de seus alunos.

Cabe à escola avaliar suas necessidades e possibilidades para a construção de um projeto que alcance todos os alunos: vítimas, agressores e espectadores da violência. Seja por meio de aulas específicas, seja por meio de temas transversais nas diferentes disciplinas, em ações multidisciplinares ou campanhas e propostas que alcancem e incluam toda comunidade educativa [...] Mais que palestras e debates isolados, e preciso construir coletivamente uma ação que fortaleça o conceito de respeito e de amizade entre os integrantes do processo educativo (CHALITA 2008 p196-197).

Não há receita pronta que seja cem por cento eficazes no combate ao bullying, mas existem propostas de intervenção que segundo Pereira (2010) já foram aplicadas e testadas em varias situações e que podem dar subsídios para o desenvolvimento de projetos específicos, embora tais propostas tenham dado certo em determinadas ocasiões isso não significa que possam ser desenvolvidas indistintamente, pois cada instituição de ensino é diferente uma das outras, no entanto devem ser avaliadas e adaptadas a realidade de cada escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência presente na escola é um fenômeno complexo que se manifesta de diferentes maneiras e tem varias causas determinantes que vão desde fatores ambientais, como no caso de comportamentos antissociais que a criança aprende no seio familiar, a influencia exercida pela exposição à mídia nos meios de comunicação, além de fatores como a falta de habilidade em lidar com situações conflituosas e a predisposição para violência, neste contexto o bullying vem se destacando por ser extremamente prejudicial, pois carrega consigo inúmeras consequências a saúde física e mental, além de ser presença constante no cotidiano educacional e fora dele. Conforme exposto, o bullying não se restringe a brincadeiras de mau gosto entre colegas, mas se manifesta por provocações feitas entre crianças e jovens com o intuito de perseguir, maltratar, humilhar e constranger suas vítimas.

Diante de tudo que foi citado nas abordagens acima, ficou claro que o bullying é uma forma de violência que pode ser considerada um fenômeno, pois está presente em todos os lugares em que há interação social entre pessoas e, embora tenha sido ignorada ou às vezes disfarçada sempre esteve presente nos espaços escolares ao longo da historia, devido a tudo isso, deve ser respeitado e combatido, pois se alastra na sociedade deixando graves consequências por onde passa e, em todos os agentes envolvidos, sejam eles agressores, espectadores ou vítimas.

Voltando a atenção para a pesquisa realizada e aplicação do questionário nota-se alguns aspectos em relação ao fenômeno, este estudo pôde constatar que os professores são capazes de identificar as principais características do bullying. No entanto, notou-se certa confusão em diferenciar outros comportamentos agressivos que não estão relacionados ao problema, mostrando assim que a grande maioria tem um conhecimento limitado a respeito do assunto, outro fator que reforça essa afirmação é que uma pequena parcela dos profissionais de educação não acredita que o comportamento agressivo com os pares seja um sinal ou sintoma no aluno vitima de bullying. Todavia é interessante notar que os professores tem consciência da ocorrência da pratica do bullying em seu local de trabalho, conforme mencionado anteriormente, esse reconhecimento é o primeiro passo para o enfrentamento do fenômeno.

As instituições de ensino devem trabalhar a prevenção no combate ao bullying, para isso, é necessário que os profissionais de educação que atuam em sala de aula conheçam

a fundo o problema e suas consequências, pois é com o conhecimento real sobre o assunto que o professor terá uma postura firme para trabalhar com seus alunos.

Fazer com que o bullying seja tratado como um problema grave presente em nossas escolas é complicado, vagaroso e desafiador, pois conforme dados da pesquisa, embora as grandes maiorias dos professores questionados afirmem está preparados para lidar com o bullying, apenas um pequeno grupo chama a atenção para a elaboração de projetos que possam ser desenvolvidos na escola para o combate ao problema. Como mostra o estudo, o restante dos professores prefere a não omissão diante do bullying, a conscientização do problema e palestras sobre o assunto, medidas essas que podem estar elaboradas e bem definidas em um projeto específico para o tema. É evidente que esse restante dos professores tem ideia do que deve ser feito diante do bullying, mas não deixam claro de que forma tais medidas devem ser executadas.

É importante deixar claro que diante de todas as suas limitações, esta pesquisa não tem a pretensão de dar a palavra final na discussão sobre o bullying, mas de contribuir para que, junto com outros estudos esse tipo de violência venha a ganhar cada vez mais visibilidade no meio acadêmico e escolar, no intuito auxiliar na elaboração de projetos voltados para o combate ao problema.

Os comportamentos presentes na prática do bullying precisam ser identificados pelos profissionais da educação para que possam desenvolver estratégias de combate e ajuda tanto a agressores e espectadores quanto das vítimas. Conforme mencionado anteriormente, as ações de combate ao bullying não devem ser de exclusiva competência dos professores, mas de uma ação conjunta entre família e escola, onde pais, alunos, professores e demais membros que integram as instituições de ensino, em fim, todos que tem interesse em tornar a escola um local de desenvolvimento rico em possibilidades e descobertas tanto na arte de ensinar e aprender quanto de conviver e viver bem e em harmonia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABROMOVAY, M. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, Observatório de violência, Ministério da Educação, 2005.

_____; CALAF, P. Bullying: uma das faces da violência das escolas. In: **revista jurídica CONSULEX**, São Paulo, nº 325, ago./2010. Disponível em: http://www.cpers15nucleo.com.br/textos/artigo/_bullying.pdf. Acesso em 15 jan. 2015.

BRASIL. **Código penal brasileiro**. 1984. Disponível em: < <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Decreto-Lei/Del2848.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2015

BRASIL. **Lei 8069 de 13 de julho de 1990**. Estatuto da criança e do adolescente. 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm Acesso em: 15 Jan. 2015

CALHAU, L. B. **Bullying**. O que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão. 2. ed. Niterói, RJ: Impetus, 2010.

CHALITA, Gabriel. Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores. **Pedagogia da amizade**. São Paulo SP: Gente, 2008.

____? _____. **Constituição federal**. São Paulo: Rideel, 1988.

DECLARAÇÃO. **Declaração universal dos direitos humanos**. 1984. disponível em: < <http://www.dudh.org.br/wp-content/uploads/2014/12/dudh.pdf>> acesso em: 15 Jan. 2015

FANTE, Cleo. **Bullying no ambiente escolar**. Disponível em: <http://www.inov.org.br/site/artigos/9.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2015

FANTE, Cleo. **Fenomeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas: Verus, 2005.

FRANCISCO M.V; LIBORIO R.M.C. Um estudo sobre o bullying entre escolares do ensino fundamental. In: **psicologia: Reflexão e crítica**. Vol. 22.nº2. Porto Alegre. RS, 2009 do Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722009000200005>>. Acesso em: 01 Jan. 2015.

GIMENES M.B; RUBIO E.M. **Assedio na escola**: desenvolvimento, prevenção e ferramentas de trabalho. São Paulo: 2011.

MINAYO, M. C. S; ODECIO, S. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou complementaridade? In: **Cadernos de Saúde Pública**. Vol. 9 n. 3. Rio de Janeiro, RJ. jul-set. 1993.

Disponível em:< <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X1993000300002pdf>>. Acesso em 01 Jan. 2015.

MOLINA, R; PELEGRINO, J. **A visão dos professores sobre o fenômeno bullying.(XVI...)** Disponível em: <<http://www.infoteca.inf.br/endipe/smarty/templastes/.../3448p.pdf>>. Acesso 01 Jan. 2015

NETO, A.A.L. **Bullying- comportamento agressivo entre estudantes**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>>. Acesso 01 Jan. 2015.

PEREIRA, S. M. S. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar**. São Paulo, SP: Paulus, 2009.

PINGOEELO, I; Horiguela, M. L. M. **Bullying na sala de aula**. Dialogo Multidisciplinar. Disponível em: <<http://www.researchgate.net/publication/48347927.pdf>>. Acesso 15 dez 2014.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**. Projeto justiça nas escolas – Conselho Nacional de Justiça; cartilha 2010: 1ª ed. Brasília, DF, 2010.

Disponível em :< <http://www.cnj.jus.br/images/programas/justicas-escolas-cartilha-bullying.pdf>> Acesso em: 15 jan. 2015.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes petrificadas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

RAMPAZZO, Lino. Metodologia Científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. 5ed. São Paulo SP. Loyola. 2010.

ANEXOS

Questionário elaborado para resposta do professor. Objetivo da pesquisa: Saber qual a percepção que o professor que atua em sala de aula tem sobre o bullying.

Idade [] sexo [] Tempo que atua como professor [] Qual a serie que trabalha? []

Qual sua formação? Superior em: [] Tem especialização em: [] mestrado [] doutorado

Questionário

1. Você acredita que a pratica do bullying ocorre entre os alunos de sua escola?

[] Sim [] Não [] As vezes [] Não sei

2. Quais os comportamentos que pode ser identificado como bullying?

[] Comportamento cruel e velado nas relações interpessoais onde os mais fortes e populares se sobrepõem sobre os mais fracos e tímidos com intuito de diversão através de brincadeiras disfarçadas, que tem como objetivo perseguir e maltratar.

[] Uma reação ao comportamento agressivo praticado por outra pessoa.

[] Conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas provocadas por um grupo ou individual sem motivação evidente.

[] Comportamento agressivo que tem por finalidade maltratar e expor o defeito do outro, apenas como meio de deverão entre os envolvidos, sendo assim definida como brincadeira de péssimo gosto.

3. Quais os sinais ou sintomas nos alunos vitima de bullying?

[] Depressão [] Baixo rendimento escolar [] Medo de ir a escola [] Comportamento violento e opressivo com os pares

4. Você foi alvo de bullying na escola?

[] Sim [] Não [] As vezes [] Não sei

5. Quais fatores que podem dificultar a identificação de situações de bullying pelos professores?

[] Falta de conhecimento sobre o assunto em questão.

[] Acreditar que o bullying faz parte da idade e do amadurecimento do aluno.

[] O fato de quando ocorre situações de bullying os adultos estão ausentes.

[] Da vitima não reagir ou não falar sobre a agressão sofrida.

6. Você como profissional de educação se sente preparado para lidar com situações de bullying?

[] Sim [] Não [] As vezes [] Não sei

7. O que é bullying em sua opinião?

8. Quais as medidas que sua escola deveria tomar para com bater o bullying?
